

ETNO HISTÓRIA DE UMA DEVOÇÃO SERTANEJA: A FESTA DE NOSSA SENHORA DAS VITÓRIAS

Sylvana Maria Brandão de Aguiar

Doutora em História do Brasil pela UFPE; Professora do Departamento de História da UFPE; Docente dos Programas de Pós graduação em História e Arqueologia da UFPE; Docente e Coordenadora do Mestrado Profissional em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste; Líder dos Grupos de Pesquisa “História e Religiões”, do Programa de Pós graduação em História da UFPE, e “Gestão Pública e Espaços Públicos: conflitos e intolerância religiosa”, do MPANE/UFPE. Vários livros e artigos publicados; Membro de Instituições de Pesquisa nacionais e internacionais. E-mail:

brandao.sylvana@gmail.com.

Edson de Araújo Nunes

Graduando em História pela UFPE; Bolsista de Iniciação Científica do PIBIC/CNPq/UFPE; membro do Grupo de Pesquisa História e Religiões do Programa de Pós Graduação em História da UFPE; membro do Grupo de Pesquisa Gestão Pública e Espaços Públicos: conflitos e intolerância religiosa, do Mestrado Profissional em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste. Artigos publicados e participação em vários congressos, com registro em anais.

Email: ed.history@gmail.com

Neste trabalho, buscamos reconstituir as origens históricas da devoção a Nossa Senhora das Vitórias que ocorre no Santuário do Monte do Galo, no município potiguar de Carnaúba dos Dantas, microrregião do Seridó. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa a pesquisa é exploratória, documental e bibliográfica. Diante da diversidade de fontes inerentes à nossa investigação – quais sejam orais, documentais e iconográficas - fizemos confluir lentes da História Oral e da Etno história. Foram-nos basilares as contribuições de Paul Thompson, Jacques Le Goff, Antônio Montenegro, Verena Alberti, Carlos Alberto Steil, Sylvana Brandão e Clifford Geertz. Também foram fundamentais os conceitos de Pierre Bordieu para a compreensão do que é campo, subcampo e as relações estabelecidas pelos agentes da administração do capital religioso e simbólico. A história da devoção a Nossa Senhora das Vitórias remonta ao início do século passado, quando, segundo fontes orais e documentais registram-se os primeiros milagres; com a instalação de um cruzeiro comemorativo à fundação de Carnaúba dos Dantas, em 1928, no Monte do Galo, espaço já sacralizado pelas gentes seridoenses desde o século XIX, a imagem da Santa é doada por seu primeiro devoto, Pedro Alberto Dantas; a benção de sua pequena capela dá-se em 1930 e, desde então, verifica-se que o santuário passa a ser palco das mais diversas representações de fé e devoção por parte de romeiros de todos os rincões do Seridó. Para além da compreensão histórica desta devoção, constatamos o crescimento das práticas devocionais neste

Conjunto Religioso no alvorecer do século XXI. O trabalho é vinculado aos Grupos de Pesquisa “História e Religiões”, do Programa de Pós graduação em História da UFPE, e “Gestão Pública e Espaços Públicos: conflitos e intolerância religiosa”, do Mestrado Profissional em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste, da UFPE.

Palavras chave: Etno história. Devoção. Carnaúba dos Dantas. Nossa Senhora das Vitórias.

INTRODUÇÃO

O objetivo precípuo desta pesquisa foi a análise histórica das práticas devocionais dedicadas a Nossa Senhora das Vitórias, que ocorrem desde o início do século XX, no Conjunto Religioso do Monte do Galo. Este santuário localiza-se no município potiguar de Carnaúba dos Dantas, circunscrito à microrregião sertaneja do Seridó, que compreende vários municípios do Rio Grande do Norte e da Paraíba.



Mapa 1 - Rio Grande do Norte; em destaque, o município de Carnaúba dos Dantas. Fonte: <http://commons.wikimedia.org/>

A compreensão das origens históricas desta devoção foi possível a partir da articulação de fontes orais (a partir de entrevistas semi estruturadas), documentais (jornais do início do século XX) e iconográficas (fotografias do início do século XX); com efeito, nossa investigação pautou-se numa perspectiva interdisciplinar, agregando lentes da História Oral e da Etno História. Destacam-se, respectivamente, as

contribuições de Paul Thompson, Jacques Le Goff, Antônio Montenegro, Verena Alberti, Carlos Alberto Steil, Sylvana Brandão e Clifford Geertz.

Paul Thompson (1992, p. 44) compreende a História Oral como uma possibilidade de trazer “vida para dentro da própria história”; tal perspectiva norteou o nosso estudo, na medida em que a voz dos devotos, romeiros, em suma, das gentes seridoenses, proporcionou uma atualidade e riqueza de detalhes que de outra maneira não poderiam ser encontradas. Deste modo, tais testemunhos trazem à luz acontecimentos, conjunturas e visões de mundo a partir da perspectiva dos fiéis leigos, principais atores deste fenômeno religioso, o que aproxima o objeto de estudo, no dizer de Verena Alberti (2005).

Dentre os teóricos contemporâneos da Religião que nos fornecem referenciais analíticos, temos o antropólogo americano Clifford Geertz, produtor de vários escritos de natureza teórica e etnográfica. Ao procurar traduzir textualmente as observações que realizou em regiões como a cidade de Java, na Indonésia, Geertz construiu o que chamamos de descrição densa.

Também se destacam os estudos de Carlos Alberto Steil e Sylvana Brandão, que primaram, respectivamente, pela investigação da religiosidade do santuário do Bom Jesus da Lapa, na Bahia; e do santuário de São Francisco das Chagas do Canindé, no Ceará¹. Para Steil e Brandão concomitantemente ao historiador Riollando Azzi, as devoções católicas do Brasil quase sempre nascem de formas espontâneas, e ao tomarem uma dimensão de largo alcance, a Igreja Católica, necessariamente, tenta disciplinar e manter o controle dos devotos. “A instituição eclesiástica, quando paroquializa experiências de religiosidades populares, o faz para disciplinar os poderes dos leigos, os poderes dos fiéis” (BRANDÃO, 2004, p. 360).

Em nosso trabalho, cabe ainda destacar a imensa contribuição das reflexões de Pierre Bordieu sobre o papel da religião no devir histórico que nos foi absolutamente necessário à elaboração de nossas formulações teóricas. Bordieu, com suas considerações acerca de campo e sub campos, *habitus* e capitais nos proporciona uma plasticidade harmoniosa sobre o sentido das religiões e das religiosidades, posto que rompe com a noção da história como estrutura estável. Para Bordieu, a religião é um campo autônomo, que coexiste simultaneamente com vários sub campos, e seus agentes se relacionam através de discursos e intradiscursos. Na verdade, Bordieu faz uma

brilhante reelaboração da tipologia weberiana, ao tecer ilações entre agentes religiosos e agentes leigos como um único conjunto de relações. Aqui, Bordieu considera a religião como mercado de bens simbólicos, onde os agentes sacerdotais produzem e os leigos consomem. Cabe, por conseguinte, compreender que esta constatação nem sempre é verossímil. No tocante a devoção à Nossa Senhora das Vitórias no Monte do Galo, desde suas origens históricas, por diversas vezes os leigos orientaram os significados e significantes daquilo que Bordieu nomeia como capital simbólico e mercado de bens religiosos (BORDIEU, 2003).

O MONTE E A SANTA: HISTÓRIA E MEMÓRIA DE UMA DEVOÇÃO

Formada num misto de imaginário, fé e devoção, a história do Monte do Galo está relacionada também com a própria colonização do Seridó, intensificada com a instalação de fazendas durante o século XIX. Vejamos o que nos diz o poeta seridoense Francisco Rafael Dantas (2007, p. 03-04):

“Onde hoje é Carnáuba
Um grande rancho existia
Pelo Rancho Pé do Monte
O matuto conhecia
Mas, começaram a notar
Que ali naquele lugar
Um grande mistério havia

Um dia de madrugada
Começaram a escutar
Em cima daquele monte
Um triste galo a cantar
Sem ter morada por perto
Naquele lugar deserto
Era de admirar

Muitos matutos pensavam
Que o monte era sagrado
Outros diziam que não
Que era um reino encantado
Sem sentir pequeno abalo
E pelo o Monte do galo
Começou a ser chamado”.

Os vibrantes cânticos teriam sido ouvidos também por vaqueiros da Fazenda Baixa Verde, ao campear e cuidar do gado, nas primeiras décadas de 1800. Este canto foi associado pelo imaginário religioso coletivo a uma misteriosa e sagrada “anunciação” (CARVALHO, 2005) e, paulatinamente, o Monte do Galo vai sendo sacralizado pelas gentes seridoenses.

Os primeiros registros de curas operadas por Nossa Senhora das Vitórias recuam até o início do século XX, quando também é erigido o seu santuário no cimo do Monte do Galo.

Um dos maiores “milagres” que permeiam a memória coletiva do Seridó ocorreu nos seringais do Acre, no começo do século XX, auge do ciclo da borracha. Trata-se da experiência de Pedro Alberto Dantas (1878-1960) e sua cura por *Nossa Senhora das Vitórias*; narrativa obtida através de entrevista² realizada com a filha do mesmo, Júlia Albertina Dantas, de 87 anos:

Tudo começa com a viagem³ do meu pai ao Acre. Ele vai prá lá trabalhar nos seringais... foi trabalhar na borracha...era o que dava dinheiro, e ele foi pra tentar melhorar de condição, porque era muito pobre, família humilde. E ele foi com esse objetivo... que foi desfeito por causa da doença. Beribéri, né? Doença terrível, matou muita gente nessa época. Aí ele estava lá, ardendo em febre, três dias, era uma febre terrível... dormindo e acordado, no delírio da febre, aparece a ele Nossa Senhora das Vitórias. E ela diz a ele: “Se queres viver, volte a sua terra natal o quanto antes; leva contigo uma imagem minha. E ele pergunta: “Quem é a senhora? “Ela responde: “Eu sou Nossa Senhora das Vitórias, sua protetora”. Então ele veio pra Carnáuba... trazendo a santinha. Quando ele voltou, conheceu o primeiro médico de Carnáuba, Flávio Maroja, paraibano; então ele disse: "Pedro, mas que lugar mais lindo, vamos passear nesse lugar” (o Serrote do Galo). Então eles foram até lá... e o Doutor Flávio falou: "Mas um lugar bonito desse, ninguém nunca pensou

aqui em nada... em transformar isso num lugar de turismo?"E meu pai disse: "Aqui é um lugar sagrado, onde o Galo cantou anunciando à meia-noite... aqui é pra ser um local de oração". Então ele se juntou com outros que tinham condições, influência... colocaram o Cruzeiro que está lá até hoje.

A História Oral documenta uma memória coletiva ou individual quando aquilo que aconteceu necessariamente é ressignificado; nada do que vêm à tona é narrado como de fato aconteceu; emerge como reinterpretação do passado permeado por todo acúmulo das experiências de vida. Le Goff (2000) teceu ilações entre a história e a memória, procurando destacar a relação desta última com a manutenção de tradições e mesmo no domínio de uma recordação. Segundo Antônio Montenegro (1992, p. 150), “o caráter singular de toda memória (mesmo coletiva) e a forma como esta sempre se reconstrói a partir do olhar do presente fazem cada entrevista ter um significado muito próprio”.

Todavia, a força da história oral é a força de qualquer história metodologicamente competente e da inteligência com que tipos diferenciados de fontes são aproveitadas e operadas harmoniosamente (PRINS, 1992).

Fazendo convergir várias vertentes de abordagem, temos o encontro entre a história remota e mítica do canto do galo, a devoção de Pedro Alberto a Nossa Senhora das Vitórias, no início do século passado, e a instalação do cruzeiro comemorativo da fundação de Carnaúba dos Dantas em 25 de outubro de 1928, quando ocorre também a doação oficial por parte de Pedro Alberto da imagem da Santa⁴.



Imagem 1 – A inauguração do Cruzeiro do Monte do Galo, em 25 de outubro de 1928. Acervo particular de João Evangelista.

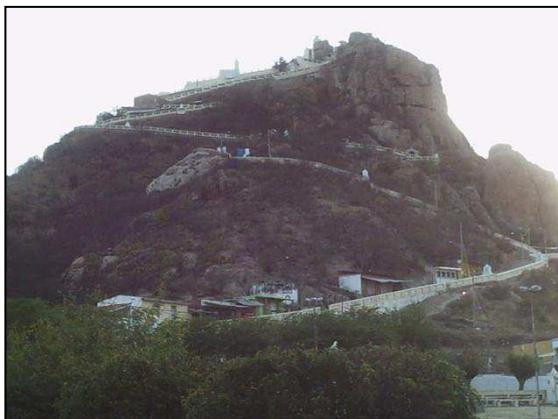


Imagem 2 – O Monte do Galo. Fonte: Fábio Mafra/Edson Araújo.

Somados, estes eventos resultam na construção do Conjunto Religioso do Monte do Galo e no crescimento práticas devocionais dedicadas à Nossa Senhora das Vitórias. O Monte do Galo hoje se configura em espaço das mais diversas representações de fé por parte dos romeiros, especialmente das populações seridoenses. Ainda sobre a edificação deste santuário, temos o seguinte registro num jornal da primeira metade do século XX:

Tiveram os operários que trabalhar quase sobre o abismo que se cava ao pé da cruz. Dadas as proporções, não é obra inferior a do Cristo no Corcovado. Enquanto por lá anda a alta engenharia, com maquinismos modernos, em Carnaúba teve apenas o esforço e a prática de homens (...) chefiados por Pedro Alberto Dantas (DIÁRIO DE NATAL, 08/12/1929).

Os festejos dedicados a Nossa Senhora das Vitórias começaram, efetivamente, em 1929, de 23 a 25 de outubro – sendo o último a comemoração do dia da santa, mantidos até hoje dessa forma. Em 1930 deu-se a benção de sua pequena capela, construída no topo do monte, numa cerimônia onde acorreu grande número de devotos (MACEDO, 2005).

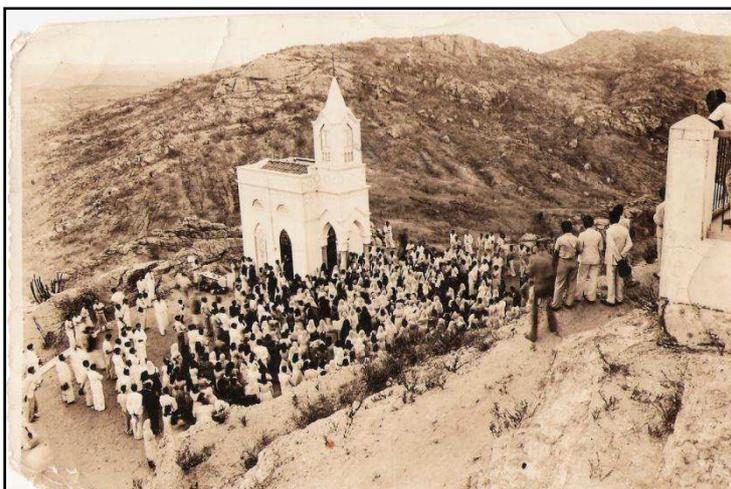


Imagem 3 – Missa no Monte do Galo em 1949, onde já se nota a presença da Capela de Nossa Senhora das Vitórias. Acervo particular de João Evangelista.

Desde sua inauguração, o Monte vem sendo sítio de romarias, anualmente no mês de outubro. O jornal “O Poti”, em 28 de outubro de 1973 diz o seguinte:

O Monte do Galo, há mais de 50 anos, passou a ser um centro de atração religiosa dos mais visitados, no interior potiguar, pelos agricultores e familiares que acreditam no poder de Nossa Senhora das Vitórias, a exemplo do que foi feito por milhares de pessoas residentes em Carnaúba dos Dantas, bem como outros municípios daquela região (O POTI, 28/10/1973).

São vários os relatos de milagres difundidos entre os fiéis e romeiros: num caso ocorrido no ano de 1958, uma mulher acometida por uma doença que lhe paralisou os membros inferiores, foi carregada por seu companheiro ao topo do Monte do Galo; após rezar nos pés da imagem de Nossa Senhora das Vitórias, esta recebeu como benção a cura de sua enfermidade (DANTAS, 2007).

Outros testemunhos da intervenção divina perpetuado até hoje pela oralidade nos apresentam um caso curioso, onde uma cabra, após cair do alto do serrote – cerca de 155 metros de altura – não teve nada de grave (DIÁRIO DE NATAL, 08/12/1929).

Aqui, cabe registrar nossa acepção de milagre, qual seja, “a solução de um impasse qualquer, seja este afetivo, financeiro, de dor física. O milagre como solução prática, cotidiana” (BRANDÃO, 2001, p. 358)

O número de fiéis presente nas cerimônias religiosas cresceu largamente com o passar dos anos; já nos anos 70, os festejos foram transferidos para a Capela de São José, diante da impossibilidade do espaço anterior comportar a grande massa de devotos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise das origens históricas da devoção a Nossa Senhora das Vitórias, verificamos o enorme crescimento da mencionada devoção no alvorecer do século XXI. A pesquisa exploratória foi construída a partir de um diálogo permanente entre passado e presente, partindo de fontes documentais primárias do início do século XX – jornais e fotografias. Fez-se convergir várias vertentes de abordagem, como a História, a Ethnohistória e a História Oral, o que permitiu compreender como se perpetuou a sacralização deste santuário por um número cada vez maior de devotos, o que configura o Monte do Galo em espaço de intensas demonstrações de fé e de religiosidade. A continuidade de investigações neste espaço religioso possibilitará uma compreensão

mais adensada acerca do atual cenário de peregrinações e romarias dedicadas a Nossa Senhora das Vitórias.

NOTAS

¹ Para um aprofundamento nestes autores, ver: STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa-Bahia**. Petrópolis: Vozes, 1996; BRANDÃO, Sylvana. **São Francisco das Chagas do Canindé, Ceará, Brasil**. In: BRANDÃO, Sylvana (Org.). **História das Religiões no Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2004, v. 3, p. 339-370; e AZZI, Riolando. **A Cristandade Colonial: um projeto autoritário**. São Paulo: Paulinas, 1987.

² Em 19 de dezembro de 2008, com registro no Cartório Único de Notas de Carnaúba dos Dantas.

³ Em 1907.

⁴ Esta imagem é conservada, atualmente, no Museu Histórico Nossa Senhora das Vitórias.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

AZZI, Riolando. **A Cristandade Colonial: um projeto autoritário**. São Paulo: Paulinas, 1987.

BRANDÃO, Sylvana. **São Francisco das Chagas do Canindé, Ceará, Brasil**. In: BRANDÃO, Sylvana (Org.). **História das Religiões no Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2001.

_____. **História das Religiões no Brasil**. Recife: Editora Universitária da UFPE, v. I-IV.

BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. Coleção Estudos. São Paulo: Perspectiva, 2003.

CARVALHO, Auta Rodrigues de. **Histórico do Monte do Galo**. Carnaúba dos Dantas, s/e, 1990.

CARVALHO, João Paulo Araújo de. **Freguesia de Nossa Senhora das Dores (1858-2008): 150 anos de História e Devoção**. Nossa Senhora das Dores, SE: Ass. de Incentivo à Pesquisa e à Cultura Nossa Senhora das Dores dos Enforcados, 2008.

DANTAS, Francisco Rafael. **A Verdadeira História do Monte do Galo**. Carnaúba dos Dantas: s/e, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Lisboa: Edições 70, 2000. Vol. I e II.

MACEDO, Hélder (org.). **Ritmos, sons, gostos e tons do patrimônio imaterial de Carnáuba dos Dantas**. Caicó, Netograf, 2005.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 1992

PRINS, Gwyn. **História Oral**. In: BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1992.

STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa-Bahia**. Petrópolis: Vozes, 1996.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FONTES PRIMÁRIAS:

Jornais

O Cruzeiro do Monte do Galo. Diário de Natal, 8 de dezembro de 1929. Acervo da Biblioteca Pública de Carnáuba dos Dantas “Donatilla Dantas”.

O Monte do Galo. O POTI, 28/10/1973. Acervo da Biblioteca Pública de Carnáuba dos Dantas “Donatilla Dantas”.

Orais

Entrevistas coletadas entre os dias 02 e 13 de dezembro; depoimento de Júlia Albertina Dantas.